

A AMERICA LATINA E A ECONOMIA MUNDIAL: O CASO BRASILEIRO

Armén Mamigonian

Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia

BRASIL

O desenvolvimento industrial do centro de sistema capitalista no século XIX criou relações cíclicas do econômico internacional Latino- americano: nas fases expansivas do centro do sistemas as exportações e importações latinoamericanas cresciam, como por exemplo na Colômbia que tinha L 1,00 per capita export- import em 1850 e que alcançou L 3, 30 em 1870, mas que regrediu a L 1,5 em 1895-99, em consequência do período depressivo do internacional 2º Kondratieff (1873-1896) vivido pelo centro do sistema. Assim, as expansões e concentrações da divisão internacional do trabalho se manifestam na América Latina como componentes das fases expansivas e depressivas do centro do sistema (Inglaterra no século XIX). Entretanto já se notavam dois padrões de inserção maior intensidade de relações externas (Argentina- Chile) ou menor intensidade (Brasil, México, Colômbia) conforme H. Bruit. Os períodos depressivo do sistema (1815-48, 1873-96, 1920-48) foram aproveitados pelas economias latino- americanas para um crescimento “para dentro” (Prebich) e resultaram somados com as guerras mundiais no século XX em processos nacionais de substituição de importações industriais sobre tudo nos países maiores. O período depressivo recente (1973-1996) marcou pela primeira vez um período de expansão e não de contração do comércio mundial e aos mesmo tempo a aplicação a partir do centro do sistema de políticas neo-liberais. O primeiro país do mundo a adotar e neo- liberalismo como política econômica foi o Chile após 1973-74, mas os resultados econômicos positivos devem-se menos ao-liberalismo adotado do que a diversificação de exportações que já havia sido proposta pelo CORFO antes de Pinochet: pescados, produtos florestais, mediterrâneos e turismo, que significaram o uso de capacidade ociosas da economia chilena. No Brasil o neo-liberalismo está sendo proposto pelos EUA, mas os desastres econômicos do México e da Argentina somados á resistência dos militares, dos empresários industriais (FIESP),e indicados operários levam a propostas alternativas de resolver com recursos internos (capacidades ociosas, reservas de mercado, estrutura industrial sofisticada) os nós-de estrangulamento atuais, que permenecem sem solução por causa da crise das finanças públicas, que exigem concessões de serviços públicos á iniciativa do interior da economia brasileira (L. Rangel).